

## História e filosofia da história\*

Diogo da Silva Roiz<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

DOSSE, F. *A história*. Bauru, SP: Edusc, 2003. 326p. Trad. Maria Elena Ortiz Assumpção.

A discussão sobre as proximidades e os distanciamentos entre a História e as Filosofias da História não é recente. Desde a definição de o que é historiador, elaborada na Antigüidade Clássica, na Grécia do século V antes de Cristo, o historiador se viu às voltas com a questão de que a História era um discurso, dentre vários outros, sobre as sociedades do passado. Depois, quando Aristóteles diferenciou História e Poesia Épica, discorrendo que, por ser mais filosófica e dizer respeito ao geral, a poesia épica se sobrepunha à História, não foram poucos os momentos em que os historiadores se preocuparam em dar caráter geral e filosófico a seu discurso e na pesquisa histórica. Talvez o período em que as relações entre história, filosofia e literatura tiveram seu auge tenha sido no século XVIII, no qual houve o questionamento da razão sobre a fé, e todas as áreas apontadas estiveram articuladas a partir das filosofias da história. A justificativa estava em que as filosofias da história se pautavam num discurso que manifestava sua preocupação com a questão do direcionamento a ser seguido e atingido pela humanidade (entenda-se européia) em um futuro possível, de acordo com suas interpretações, que se embasavam na possibilidade de haver progresso material contínuo, dentro do qual a história teria sentido linear.

Sabe-se que essa filosofia da história esteve atrelada às conseqüências da Revolução Francesa e da Revolução Industrial. Como demonstrou Maria das Graças de Souza, em sua tese de livre docência, publicada em 2001 com o título *História e ilustração*, a filosofia da história apontada acima foi uma dentre várias outras, embora ela obtivesse na época maior consenso, bastando para isso observar os casos de Rousseau, Voltaire e Condorcet.

---

\* Books

<sup>1</sup> Endereço para correspondências: Rua José Luiz Sampaio Ferraz, n. 1133, Vila Gisele, Amambai, MS, 79990-000. Mestre em História pelo programa de pós-graduação da UNESP, Franca. Professor do departamento de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Amambai (E-mail: diogosr@yahoo.com.br).

Assim como no iluminismo francês do século XVIII não houve uma única filosofia da história, em outros lugares e em outros momentos da história também não houve uma única filosofia da história.

No entanto, a negação, quase unânime atualmente, sobre as filosofias da história se deve às conseqüências nada lisonjeiras da I e da II Guerra Mundial e das discussões que foram geradas após seu término, cujo auge talvez tenha sido na década de 1960. Em função dessas várias críticas sobre a idéia de progresso, sentido e linearidade contidas nas filosofias da história e que têm causado fortes rejeições, sendo a mais recente a dita pós-moderna, François Dosse resolveu organizar vários cursos, que depois reuniu na forma de livro, com vistas a repensar as relações entre história e filosofia da história.

O livro, nesse sentido, é “um convite à leitura dos historiadores pelos filósofos, e da filosofia da história pelos historiadores”. A importância de estudos como esse está em demonstrar que a “profissionalização progressiva da disciplina histórica ao longo do século XIX, depois o diálogo privilegiado com as ciências sociais no século XX não permitiram aproximar a prática histórica do pensamento da história conduzida pelos filósofos” (DOSSE, 2003, p. 8). Portanto, a principal intenção do autor com esse livro é:

*[...] revisitar o passado da disciplina histórica para melhor compreender seu sentido, por meio de uma dupla interrogação: uma, historiográfica, da prática dos próprios historiadores e outra, especulativa, da tradição filosófica da reflexão sobre a história. Nosso enfoque parte de conceitos essenciais da disciplina histórica, que suscitam a interrogação filosófica, mas nossa demonstração alimenta-se, em cada etapa, dos próprios trabalhos dos historiadores, desde a Antigüidade grega até a conjuntura historiográfica atual (Idem, p. 11).*

Para tanto, ao longo dos seis capítulos do livro, o autor pauta-se na discussão: a) de o que foi e de o que é a verdade no discurso dos historiadores e quais tipos de implicações filosóficas isso acarreta para a história (no primeiro capítulo); b) de como foi pensada a questão da imputação causal e como ela foi analisada por historiadores e por filósofos da história no passado,

tanto quanto no período contemporâneo (no segundo capítulo); c) de qual é a importância do relato e como houve a revalorização da narrativa por parte dos historiadores nos últimos decênios (no terceiro capítulo); d) de qual é a função do tempo no discurso histórico e para a História, e como ele foi e está sendo pensado (no quarto capítulo); e) de como o progresso e a idéia de razão e providência fundamentaram o discurso histórico e as filosofias da história, e por que no século XX foi tão criticado (no quinto capítulo); f) e, enfim, de qual é a função da memória para a história, e da história para a elaboração da memória, e como esta ganhou tanta importância, a partir do fim da II Guerra Mundial, com os meios de comunicação de massa, que aos poucos atingiram todo globo, dando novo sentido à idéia de acontecimento (no sexto capítulo).

A relevância de um empreendimento como esse, para o autor, está em que:

*O historiador encontra-se, hoje, cada vez mais solicitado por pressão de uma demanda social que o confina à urgência de funções cada vez mais numerosas. Em razão da antiguidade de seu magistério e de uma excepcionalidade francesa que chegou até a ver um presidente da República, François Mitterrand, comover-se diante do pouco caso que se fazia do ensino da disciplina histórica, o historiador é chamado como conselheiro do príncipe no exercício de seu poder, é chamado para esclarecer os meios de comunicação sobre uma atualidade fervilhante e mundial, é chamado para reconstituir o corpo de uma identidade cada vez mais fragmentada. Além das funções tradicionais do historiador, como a de fazer a passagem entre as gerações, ele é depois chamado à barra dos tribunais em grandes processos como o processo Papon (DOSSE, 2003, p.299).*

Para ele, a

*[...] paisagem historiográfica atual caracteriza-se por uma tensão entre dois pólos durante muito tempo considerados como alternativos,*

*mas que podem ser pensados de maneira complementar [...] alguns pesquisadores colocam o acento na história como escritura subjetiva, como prática ligada à tradição narrativa da literatura e, de outro, contra as derivas negacionistas, alguns insistem sobre a noção de prova, sobre o caráter precário, falsificável, da asserção histórica em função das fontes documentais e, portanto, sobre seu caráter de saber objetivado (Idem, p. 303).*

Desse modo, a leitura desse livro permite ao leitor compreender os dilemas e os percalços vividos atualmente na disciplina histórica, e quais são as contribuições que o autor visualiza para esse debate, se os historiadores levarem em conta a importância de entender as filosofias da história, e de os filósofos conhecerem as discussões da história sobre sua escrita.

Para o autor, o

*[...] que está em jogo nessa oscilação interpretativa, nessa abertura para um novo espaço dialógico é, mais além dos problemas metodológicos, o questionamento das ciências humanas sobre o enigma não resolvido da natureza do “estar junto”, do vínculo social, negligenciado pelas ideologias reducionistas e pelas concepções filosófico-políticas baseadas no utilitarismo (Idem, p. 306).*

### **Referências bibliográficas**

SOUZA, M. G. *Ilustração e História*. O pensamento sobre a história no Iluminismo Francês. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.